

70% das comunidades são privadas da Eucaristia dominical. "A Igreja é a responsável por esta situação". Entrevista especial com Paulo Suess

“Francisco sabe que não pode ser autor, diretor, coreógrafo e ator na mesma peça. Ele sabe também que cada herói necessita seu vilão. Se o vilão fica mais forte que o herói, a peça torna-se tragédia”, anota o teólogo.



Em companhia de [Dom Erwin Kräutler](#), Paulo Suess acompanhou a audiência do bispo do Xingu com Papa Francisco, no início do mês, em Roma. Com intuito de levar as causas importantes da comunidade brasileira a Bergoglio, Paulo Suess diz-se entusiasmado com a visita, embora critique a burocracia cerimonial da ocasião.

Para além das demandas dos indígenas da Amazônia, tema debatido ontem na [entrevista com D. Erwin Kräutler](#), Suess chamou atenção para a responsabilidade da Igreja diante de sua comunidade eclesial. “A Igreja, que é sacramento de vida, pode e deve assumir coletivamente a carência de padres e saná-la coletivamente. Michel de Certeau, um jesuíta francês, muito estimado pelo Papa, fala de uma ‘ruptura inovadora’ (rupture instauratrice) de vida nova que nasce das ruínas. Podemos nos imaginar um grupo de *virii probati* que celebra em conjunto a Eucaristia”, sustenta. “A Igreja os convoca e encarrega para fazer comunitariamente o que nenhum deles pode fazer sozinho. O vínculo com a comunidade e para a comunidade, no interior de uma diocese e paróquia, pode fazer da Igreja local uma ‘comunidade de comunidades’”, complementa.

[Paulo Suess](#) nasceu na Alemanha. É doutor em Teologia Fundamental com um trabalho sobre Catolicismo popular no Brasil. Em 1987 fundou o curso de Pós-Graduação em Missiologia, na Pontifícia Faculdade Nossa Senhora da Assunção, em São Paulo, onde foi coordenador até o fim de 2001. Recebeu o título de Doutor honoris causa, das Universidades de Bamberg (Alemanha, 1993) e Frankfurt (2004). É assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário – Cimi e professor no ciclo de Pós-Graduação em Missiologia, no Instituto Teológico de São Paulo – ITESP. Entre suas publicações, citamos **Dicionário de Aparecida. 40 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida** (São Paulo: Paulus, 2007).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como foi a visita ao Papa Francisco? Quais são suas impressões acerca desse encontro?

Paulo Suess - A visita aconteceu no dia 4 de abril, por causa de um pedido de D. Erwin Kräutler que, além de ser bispo de Altamira, também é Secretário da Comissão para Amazônia, da CNBB, e presidente do Conselho Indigenista Missionário – Cimi. Eu era apenas acompanhante no evento, uma espécie de papagaio de pirata. Para o cerimonial do [Vaticano](#), essa distinção entre o titular da audiência e seu acompanhante era importante,

apesar das tentativas de **D. Erwin** de dar um *upgrade* verbal de status ao assessor teológico do **Cimi**. Ao abrir-se a porta do **Palácio Apostólico**, eu já sabia que seriam poucos segundos, quiçá minutos, que eu estaria face a face com o **Papa Francisco**. Formalmente ocorreu tudo segundo a previsão protocolar e com a cronometria do sistema fordista: o **Papa** saúda o bispo, o bispo apresenta o assessor, o **Papa** saúda o assessor, o assessor entrega um livrinho (“**Dicionário de Aparecida**”, em castelhano) e um documento sobre a situação de 70% de comunidades sem eucaristia dominical no interior deste país-continente, rapidamente comentados pelo **Papa**. Tudo acompanhado por um frenético fotoshooting de profissionais que à tarde venderam seus produtos num foto shop, 8 euros por imagem.

Agraciado com um rosário pelo **Papa** (ainda tenho um de **João Paulo II**), fui acompanhado ao portal por onde entrei. Depois de 15 minutos, abriu-se o portal novamente, **D. Erwin** saiu, e um grupo de bispos de **Moçambique** entrou. Ao voltar para a **Casa Santa Martha**, onde ficamos por dois dias hospedados, comentamos a atenção dispensada pelo **Papa Francisco** e a exatidão fordista do ritual. Missão cumprida. Nossas causas na mesa do **Papa**. Nosso coração ardente, na “**Alegria do Evangelho**” (**Evangelii gaudium**).

IHU On-Line - Quais foram os assuntos centrais que trataram?

Paulo Suess - D. Erwin, presidente do **Cimi** por muitos mandatos, tratou, obviamente, da questão indígena, a omissão do governo na demarcação das terras, os casos de violação dos direitos elementares já conquistados pelos povos indígenas e a situação, particularmente delicada, dos 90 grupos de povos indígenas que vivem em situação de isolamento, fugindo do contato com a sociedade nacional (cf. **sítio do Cimi**). Como secretário da **Comissão para a Amazônia** e com sua experiência de 40 anos vividos no **Xingu**, **D. Erwin** é uma testemunha qualificada para falar sobre a ameaça de vida que o modelo de desenvolvimento autoritário, com suas hidrelétricas (**Belo Monte!**), mineradoras e madeireiras, significa para a população local.

Eu entreguei um texto de duas páginas “**Carência Eucarística – Altares sem Celebrantes**” e meu “**Dicionário de Aparecida**” (em castelhano), que no verbete “**Eucaristia**” lembra a “**Va Conferência de Aparecida**”, da qual o **Papa**, ainda bispo de **Buenos Aires**, participou, particularmente na redação do documento final: “Sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito, não existirá um discípulo missionário maduro” (**DAp 252**).

IHU On-Line - Poderia comentar mais detalhes sobre o texto que entregou ao Papa sobre as comunidades sem eucaristia dominical?

Paulo Suess - Depois de 50 anos de padre, dos quais passei dez na **Amazônia**, preocupo-me a situação de 70% das nossas comunidades privadas da **Eucaristia dominical**. Em documentos oficiais, a Igreja registra essa injustiça, acumulando lamentos, sem “conversão pastoral”.

Aparecida lamenta: “O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da **Eucaristia**. Recordando que a **Eucaristia** faz a Igreja, preocupa-nos a situação de milhares dessas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos de tempo” (**DAp 100e**). Em sua “**Carta do Primeiro Encontro da Igreja Católica na Amazônia legal**”, de 2 de novembro de 2013, também os bispos da região lamentam: “Causa-nos uma profunda dor ver milhares de nossas comunidades excluídas da eucaristia dominical”. O **Vaticano II**, no Decreto “**Presbyterorum ordinis**”, é taxativo: “Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima

Eucaristia, a partir da qual, portanto, deve começar toda a educação do espírito comunitário” (PO 6).

A **Igreja** é a responsável por esta situação. Ela deve fazer tudo para que milhares de comunidades, privadas do pão de cada dia, não sejam também privadas da celebração do **Sacramentum caritatis (SCa)**, da celebração do amor, da cruz e da ressurreição que vivem a cada dia. O apóstolo **Paulo**, missionário e fundador de muitas comunidades, nunca deixou uma comunidade sem Eucaristia. Recrutou, das próprias comunidades, “presbíteros”, anciãos, com a incumbência de celebrar a Eucaristia com a comunidade. Faz parte da “ética pastoral” corrigir essa evolução histórica que exclui tantas comunidades da Eucaristia dominical. Embora não seja o motivo mais forte para corrigir esse mal-estar eclesial, a carência sacramental é um convite facilitador para franco-atiradores do campo religioso, com sua palavra fundamentalista e suas promessas de prosperidade, invadirem as comunidades católicas abandonadas.

A **Igreja**, que é sacramento de vida, pode e deve assumir coletivamente essa carência e saná-la coletivamente. [Michel de Certeau](#), um jesuíta francês, muito estimado pelo Papa, fala de uma “ruptura inovadora” (*rupture instauratrice*) de vida nova que nasce das ruínas.

Podemos nos imaginar um grupo de *virii probati* que celebra em conjunto a **Eucaristia**. A **Igreja** os convoca e encarrega para fazer comunitariamente o que nenhum deles pode fazer sozinho. O vínculo com a comunidade e para a comunidade, no interior de uma diocese e paróquia, pode fazer da Igreja local uma “**comunidade de comunidades**” (DSD 58, DAp 99e, 309).

IHU On-Line - Como foi a reação do Papa?

Paulo Suess - Quando falei das comunidades sem Eucaristia, o **Papa** respondeu imediatamente: “Eu falei aos bispos no **Rio de Janeiro (JMJ)**. Eles precisam fazer propostas corajosas para podermos enfrentar essa situação”. Lembrei-me do “**Sínodo para a América**” (Roma, 1997), do qual participei como assessor teológico externo. Na época, senti de perto o desvirtuamento da ideia do **Sínodo**, pensado e criado por **Paulo VI**, para praticar a colegialidade e a subsidiariedade na **Igreja**. Nos longos anos do papado de **João Paulo II**, o **Sínodo** tornou-se um instrumento de confirmação de decisões da **Cúria Romana**. Circulou, durante esse **Sínodo de 1997**, uma lista de temas que os oradores eram proibidos de tocar, e se tocaram, obviamente, seu depoimento não apareceu em nenhuma síntese ou documento final.

Com as palavras do **Papa Francisco**: “Os bispos precisam fazer propostas corajosas”, entendi que na **Igreja** católica acabou o tempo de discursos e pensamentos proibidos sobre matérias pastoralmente relevantes. O **Papa Francisco** está nos convidando para desconstruirmos com ele o centralismo que fere a colegialidade. O que o **Papa** falou aos bispos durante a **Jornada Mundial da Juventude - JMJ** está nos discursos aos bispos brasileiros e ao Comitê de Coordenação do Celam. Todas as **Conferências Episcopais Nacionais** deveriam dedicar dias de estudo a esses textos preciosos: “Queridos **Bispos**, sacerdotes, religiosos e também vocês, seminaristas, que se preparam para o ministério, tenham a coragem de ir contra a corrente!”.

Desta delegação das propostas de reformas às regiões (princípio de subsidiariedade!), em que se sente a dor causada pela cristalização de estruturas caducas, emergem três tarefas: sentir novamente a dor do povo de **Deus**, causada por estruturas rígidas e leis complementares distantes do **Evangelho**; reaprender a coragem pastoral pela escuta do povo; e fazer propostas teológico-pastorais que possam sustentar as mudanças dentro dos

limites da “**ruptura inovadora**”, contudo capaz de romper com o continuísmo da autorreferencialidade que isolou a Igreja cada vez mais.

Devemos também perguntar se questões fechadas pelo antecessor, como é o caso do sacerdócio da mulher, impossibilitam mudanças posteriores. Contra o “**Roma locuta, causa finita**”, caso exemplar da autorreferencialidade, deve-se ponderar que a salvação das “**almas**” é a lei suprema da Igreja.

IHU On-Line - Em termos gerais, qual tem sido a repercussão do papado de Francisco na Europa?

Paulo Suess - Com o **Papa Francisco**, a **América Latina** “exportou” sua versão mais simpática, autônoma e emancipada do “**bem viver**” a **Roma** e **Europa**. Digo isso para não idealizar o continente latino-americano e sua Igreja, como se já tivesse superado toda a forma de colonização e alienação. A **Máfia** existe não só na **Sicília**. Rouxinóis e aves de rapina se encontram por toda parte. Contudo, com o papa do fim do mundo, a Igreja da **América Latina**, até agora tratada com muitas suspeitas, chegou a **Roma** com a possibilidade de mostrar os avanços de uma Igreja testemunhal com a autoridade de propor uma pastoral a partir das periferias. No acerto da eleição de **Mário Bergoglio** há fatores geográficos, pessoais e providenciais. Depois de uma época de proibições e esquecimentos, o **Papa Francisco** representa o elo perdido entre o **Vaticano II** e a Igreja contemporânea.



Francisco é um produtor de sinais intercontinentais que garantem sua liderança mundial e que explicitam suas opções pastorais para o povo de **Deus** e o mundo, sem ter a necessidade de recorrer ao populismo ou à propaganda enganosa.

IHU On-Line - Em que temáticas especificamente considera que Francisco esteja inovando e propondo novos rumos à Igreja?

Paulo Suess - O recurso do **Papa Francisco** ao **Vaticano II**, sua capacidade de discernir entre o essencial do **Evangelho** e os fardos eclesiais, seu carisma de se comunicar de uma maneira direta e simples com o povo e seu olhar atento às periferias humanas criaram novas perspectivas de referencialidade eclesial.

Este papa vive a teologia do povo de Deus com grande liberdade (logo depois de sua eleição, na primeira aparição pede a benção do povo reunido na **Praça de São Pedro**); incentiva a colegialidade (**G8** dos cardeais, ida da **Cúria Romana**, de ônibus, à casa de retiro); pratica a pastoral do encontro (desceu dos aposentos do **Palácio Apostólico** para morar na **Casa Santa Martha**); opta por uma Igreja pobre no meio dos pobres (opção por carros simples, viagem a **Lampedusa**, medidas disciplinares contra bispos de ostentação de conforto pessoal); enfatiza o método indutivo (questionário dirigido às famílias e comunidades para a preparação do **Sínodo sobre a família**).

Para muitos funcionários curiais e também para parte do episcopado mundial, o fenômeno **Bergoglio** é uma “**loucura**”. Quem sai depois de muitos anos do calabouço precisa um bom tempo para enxergar de novo a luz do dia.

No dia 6 de abril, assisti, com um grupo de brasileiros com uma faixa da **Campanha da Fraternidade**, ao **Anjo do Senhor**, na **Praça de São Pedro**. Lá de cima, na janela famosa do **Palácio Apostólico**, que para **Bergoglio** é apenas um palco, não uma moradia, o papa-

pastor e o povo na Praça se entendem. Mas os andares intermediários são habitados por gente que fizeram carreira nesse edifício. Contam com a misericórdia de **Francisco**, mas vacilam entre resistência clandestina e adaptação.

IHU On-Line - Qual é a sua percepção sobre a recepção a respeito do Sínodo Extraordinário para a Família na Europa e no Brasil?

Paulo Suess - Creio que a recepção do **Sínodo** acontece com certa sincronicidade mundial. As distintas “brigadas de pensamento” atravessam todas as geografias. Um setor de leigos e leigas engajados recebeu os questionários na esperança de, finalmente, serem ouvidos em Roma. Já um pároco, na **Alemanha**, me dirigiu uma pergunta retórica: “Será que agora a verdade depende de pesquisas de opinião?”. Por toda parte senti certa desconfiança da base clerical ou leiga sobre os encaminhamentos dessas propostas. O medo de, novamente, se tratar de uma ouvidoria simulada para a lixeira, é grande. Conheço um pároco brasileiro que mandou registrar o envelope com as respostas na Nunciatura, temendo que o bispo não as enviasse corretamente. Contudo considero um grande avanço que o sínodo se debruça, num primeiro ato, sobre aquilo que o povo de Deus vive e pede.

Ao mesmo tempo, o **Papa Francisco** chamou o cardeal [Walter Kasper](#), que durante o Consistório Extraordinário, nos dias 20 e 21 de fevereiro 2014, em Roma, falou sobre “**O Evangelho da Família**”. Novamente trata-se do método indutivo: O **Papa** pede para o povo opinar sobre o tema do Sínodo: “Desafios pastorais da família no contexto da evangelização” e, concomitantemente, procura com os cardeais esclarecer as margens da “ruptura inovadora”. Está desencadeado um processo sinodal. O [Consistório Extraordinário](#) está integrado no Sínodo Extraordinário em que se encontrarão realidade pastoral e doutrina eclesial. Só um ano depois, portanto em 2015, vai acontecer o **Sínodo** para tomar decisões. O **Papa Francisco** mostra de uma maneira exemplar o que significa “**comunhão e participação**” (Puebla, 1979), articulando colegialidade e povo de Deus, hierarquia das verdades e pastoral, tradição e conversão pastoral.

IHU On-Line - Como você avalia as resistências internas que o Papa Francisco encontra e qual é a sua estratégia de responder?

Paulo Suess - Com os novos ventos da costa argentina em **Roma**, não só parte da **Cúria Romana**, também bispos, padres e agentes pastorais, despreparados para esta mudança de clima, de **Igrejas** locais, pegaram um tremendo resfriado. Colocar o **Banco do Vaticano** em ordem, moralizar o setor corrupto da **Cúria Romana** e simplificar rituais herdados desde a era do **Imperador Constantino** — até aqui tudo bem. Desinstalar, porém, a **Igreja** toda através da exigência de uma missionariedade programática (*ad gentes*) e paradigmática (toda pastoral é missionária), esse suposto e real retorno à era pós-apostólica tem para muitos traços de um fundamentalismo anacrônico e causa o medo de perdas de segurança.

Outro setor eclesial tem medo de que o Papa não consiga segurar as mudanças, simbolicamente, apontadas por meio de uma reestruturação eclesiológico-pastoral com os quatro eixos de uma **Igreja**: programaticamente e paradigmaticamente missionária; pobre, para os pobres e no meio dos pobres; povo de **Deus** a caminho com real igualdade entre homens e mulheres; e descentralizada e participativa.

Até agora, as nomeações do **Papa** mostram rumo, evitam, porém, o favorecimento de um pensamento único. Não é só a misericórdia, muito enfatizada por **Francisco**, mas também a prudência pastoral que faz o **Papa** não excluir nenhum setor do conjunto das funções eclesiais. Ele confia em seu carisma de convencimento pela autenticidade e, em último caso, em seu poder de bater o martelo. **Francisco** sabe que não pode ser autor, diretor, coreógrafo e ator na mesma peça. Ele sabe também que cada herói necessita seu vilão. Se o

ilão fica mais forte que o herói, a peça torna-se tragédia. Durante uma vida longa, **Francisco** adquiriu graça e astúcia suficientes para controlar os vilões que o rodeiam. Pelo resto, ele pede aos seus visitantes constantemente: “Rezem por mim!”.